

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS – FCAV
CÂMPUS DE JABOTICABAL

**O USO DA FALCOARIA NOS DIAS ATUAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
CONSERVAÇÃO E BEM-ESTAR DE AVES DE RAPINA: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Nicolly Quilles

Novembro de 2025

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS
CÂMPUS DE JABOTICABAL**

**O USO DA FALCOARIA NOS DIAS ATUAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO E
BEM-ESTAR DE AVES DE RAPINA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

NICOLLY QUILLES

Orientador(a): Dra. Cynthia Peralta de Almeida Prado

**Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências
Agrárias e Veterinárias - UNESP, Câmpus de
Jaboticabal, para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Biológicas.**

**Jaboticabal - SP
2º semestre/2025**

Q6u

Quilles, Nicolly

O uso da falcoaria nos dias atuais e sua contribuição para a conservação e bem-estar de aves de rapina: uma revisão de literatura / Nicolly Quilles. -- Jaboticabal, 2025

34 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal

Orientadora: Cynthia Peralta de Almeida Prado

1. Vida selvagem Conservação. 2. Reabilitação. 3. Educação ambiental. 4. Animais Proteção. 5. Animais silvestres em cativeiro. I. Título.

Nicolly Quilles

**O USO DA FALCOARIA NOS DIAS ATUAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
CONSERVAÇÃO E BEM-ESTAR DE AVES DE RAPINA: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, para obtenção do título de Bacharel em **Ciências Biológicas**.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Peralta de Almeida Prado

Coorientador (se houver):

Área de Concentração: Bem-Estar e Comportamento Animal

Trabalho aprovado em 05/12/2025

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
CYNTHIA PERALTA DE ALMEIDA PRADO
Data: 05/12/2025 15:40:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Peralta de Almeida Prado

UNESP – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Campus de Jaboticabal

 Documento assinado digitalmente
LIZANDRA AMOROSO
Data: 07/12/2025 11:10:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Lizandra Amoroso

UNESP – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Campus de Jaboticabal

 Documento assinado digitalmente
MARINA FERREIRA
Data: 05/12/2025 16:05:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Marina Ferreira

UNESP – Faculdade de Ciências – Campus de Bauru

 Documento assinado digitalmente
FABRICIO SINGARETTI DE OLIVEIRA
Data: 07/12/2025 11:27:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabrício Singaretti De Oliveira
Chefe do Departamento

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Cristina, que sempre me ensinou com carinho, cuidado e amor. Tudo o que faço hoje carrega esses ensinamentos e é sempre inspirado nela. Obrigada por me mostrar como o amor pode ser simples e como sempre podemos recomeçar, independentemente, de onde estamos. Você é minha força e meu lar emocional.

À minha irmã, Wilyane, que sempre me inspirou força, coragem e determinação. Muito do que sou hoje é de grande influência sua. Obrigada por ser um grande pilar em minha vida e por sempre me ajudar a seguir o caminho correto. Ter você como irmã é um privilégio.

Ao meu pai, *in memoriam*, que teria muito orgulho de ter uma filha bióloga.

Ao meu marido, Renan, que me incentivou, acalmou, reergueu e tranquilizou com suas palavras, carinho e amor. Foi meu grande suporte e demonstrou imensa compreensão ao meu lado. Obrigada por me amar nos dias difíceis e por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por me mostrar o mundo e novas formas de vê-lo. A vida é mais bonita ao seu lado, e sou profundamente grata e feliz por poder compartilhá-la com você.

À Fabiana, minha companheira de sala, amiga e que aceitou ser meu “marido” por procuração. Obrigada por estar comigo nas aulas, por me ouvir, por partilhar o mesmo amor pelos animais, por nos apoiarmos mutuamente, por ficar feliz com as minhas conquistas e vibrar ao meu lado. Foi muito especial encontrar você ao longo deste curso e ter você em minha vida.

À Laura, minha amiga mais antiga, que esteve comigo em tantas fases da vida, me ouviu, cuidou de mim, me distraiu e me ajudou em momentos que nem mesmo ela imagina. Obrigada por estar comigo, por me receber sempre em sua casa para desabafarmos uma com a outra e, juntas, sempre encontrarmos um caminho ou uma solução. Você me faz feliz.

À Marina, grande amiga que sempre me transmitiu calma, dizendo que tudo ficaria bem e daria certo. Obrigada por me receber em sua casa tantos dias para estudar, conversar, rir, desabafar, ouvir broncas carinhosas e acreditar em mim de uma forma que também me fez acreditar em mim mesma. Sou muito grata pela sua presença, pelo seu carinho e pelas suas palavras, sempre tão sábias e acolhedoras. Você torna minha vida mais radiante.

À Mariana Xu, amiga que sempre me incentivou, me ouviu e esteve ao meu lado em tantos momentos, levando-me a shows, contribuindo significativamente para o meu bem-estar, apresentando-me a lugares novos e compartilhando sua forma de ver o mundo. Você torna minha vida mais animada e feliz.

À Samara, querida amiga que me inspirou amor pela Biologia. Agradeço por todas as conversas na época do cursinho, que foram de grande ajuda e me trouxeram até aqui, à entrega deste trabalho. Obrigada pelo seu apoio, pelas conversas, pelas reclamações compartilhadas, por me ouvir, por não me deixar desistir e por me ajudar em tudo que estava ao seu alcance. Rir com você deixa minha vida mais feliz, e você é um grande presente.

À Anna Cecília Leite, que me apresentou ao universo do bem-estar animal e das aves de rapina. Obrigada pela dedicação, carinho e cuidado em todas as nossas conversas, por me receber em sua cidade e por me introduzir a esse mundo tão fascinante. Se hoje acredito no bem-estar animal, é por sua influência e por acompanhar seu trabalho.

Ao antigo Centro de Falcoaria de Foz do Iguaçu, atual EcoPark Foz, que me recebeu em abril de 2022 e me permitiu uma imersão no mundo das aves de rapina, acompanhando tours de visitação, manejo, preparação de alimentos e o cotidiano das aves. Foi uma experiência maravilhosa e gratificante, que jamais esquecerei.

Por fim, agradeço à Profa. Dra. Cynthia por toda a compreensão, carinho e gentileza, por me ouvir, me acalmar e me ajudar nesta fase, que sempre representou um desafio para mim, tranquilizando-me ao lembrar que se trata apenas de um trabalho. Muito obrigada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS	12
3. METODOLOGIA	12
4. RESULTADOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
4.1. A História da Falcoaria	12
4.2. Aves de Rapina	16
4.3. A Falcoaria na Atualidade.....	18
4.4. Conservação.....	21
4.5. Bem-Estar Animal	25
4.6. Educação Ambiental.....	27
5. DISCUSSÃO	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7. REFERÊNCIAS	31

Resumo

A falcoaria é uma prática de manejo com raízes muito antigas que, ao longo do tempo, deixou de ser utilizada apenas para a caça e passou a ocupar lugar de destaque em ações ligadas à conservação da fauna silvestre. No caso das aves de rapina, que possuem bico e garras adaptados à captura de presas e são sensíveis a impactos ambientais, essa prática se aproxima de questões atuais relacionadas à perda de habitat, ao tráfico de animais e a diferentes formas de interferência humana. Ao mesmo tempo, diversas iniciativas vêm empregando aves de rapina em programas de reabilitação, conservação e educação ambiental, aproximando o público dessas espécies e contribuindo para a valorização de sua importância ecológica. Este trabalho teve como objetivo examinar, em perspectiva crítica, como a falcoaria pode contribuir para a conservação e para o bem-estar de aves de rapina na atualidade, a partir da análise da literatura disponível. O presente estudo consiste em uma revisão bibliográfica, com recorte temporal entre 2001 e 2024, realizada em diferentes bases de dados nacionais e internacionais, como Google Scholar, Pubmed, CAPES e ResearchGate, com o uso de combinações de descritores relacionados à falcoaria, às aves de rapina, à conservação da fauna e ao bem-estar animal, selecionando-se os textos de acordo com sua pertinência ao tema. Os resultados da revisão indicam que as técnicas de falcoaria têm sido aplicadas em contextos de conservação, reabilitação e manejo de riscos, bem como em programas de educação ambiental, que utilizam o contato direto com as aves para sensibilizar visitantes sobre a necessidade de proteção da fauna. Quando associadas a protocolos de bem-estar e a estratégias de enriquecimento ambiental, essas práticas podem aproximar as condições de cativeiro das demandas da vida livre e auxiliar na recuperação, reprodução e, quando possível, soltura de aves de rapina. Conclui-se que a falcoaria pode atuar como aliada na conservação e no bem-estar dessas espécies, que se orienta por princípios éticos, pode constituir prática relevante para a proteção de aves de rapina, evidenciando a necessidade de ampliar estudos empíricos de acompanhamento a longo prazo.

Palavras-chave: Manejo de fauna, reabilitação, proteção de fauna, reprodução em cativeiro, educação ambiental

Abstract

Falconry is described as a management practice with very ancient roots that, over time, has ceased to be used solely for hunting and has become an important tool in actions related to the conservation of wild fauna. In the case of birds of prey, which have beaks and talons adapted for capturing prey and are sensitive to environmental impacts, this practice is linked to current issues such as habitat loss, wildlife trafficking, and various forms of human interference. At the same time, several initiatives have employed birds of prey in rehabilitation, conservation, and environmental education programs, bringing the public closer to these species and contributing to the appreciation of their ecological importance. The objective of this research was to examine, from a critical perspective, how falconry can contribute to the conservation and welfare of birds of prey today, based on an analysis of the available literature. The study consists of a bibliographic review covering the period between 2001 and 2024, conducted in different national and international databases, such as Google Scholar, PubMed, CAPES, and ResearchGate, using combinations of descriptors related to falconry, birds of prey, wildlife conservation, and animal welfare, selecting texts according to their relevance to the theme. The results indicate that falconry techniques have been applied in contexts of conservation, rehabilitation, and risk management, as well as in environmental education programs that use direct contact with birds to raise public awareness about the need to protect wildlife. When associated with welfare protocols and environmental enrichment strategies, these practices can bring captive conditions closer to the demands of life in the wild and assist in the recovery, reproduction, and, when possible, release of birds of prey. It is concluded that falconry can serve as an ally in the conservation and welfare of these species and, when guided by ethical principles, represents a relevant practice for the protection of birds of prey, highlighting the need to expand empirical long-term monitoring studies.

Keywords: Wildlife management, rehabilitation, wildlife protection, captive breeding, environmental education

1. INTRODUÇÃO

A falcoaria é considerada uma das práticas de caça mais antigas do mundo, com uma história que remonta a aproximadamente quatro mil anos, com indícios do seu início nas planícies eurasiáticas. Ao observar que falcões seguiam os rebanhos em busca da obtenção de alimento, o homem tentou se beneficiar para conseguir fazer o mesmo e transformou essa atividade de caça em uma prática recreativa relacionada ao lazer (Lima; Oliveto, 2014).

Atualmente, a falcoaria evoluiu e se transformou em uma atividade aliada ao engajamento social e à conservação da natureza, proporcionando às comunidades uma tradição e conexão com o passado, seu ambiente natural e sua cultura tradicional. No ano de 2021, tornou-se parte da Lista Representativa do Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO Portugal, 2025).

As aves de rapina são caracterizadas por serem aves carnívoras, diurnas e noturnas, possuírem bicos e garras reforçados e uma visão binocular devido à posição frontal dos olhos, resultado de uma adaptação à caça ativa (Brasil, 2008). A distribuição das aves de rapina no Brasil é marcadamente heterogênea, com poucas espécies amplamente disseminadas pelo país. Como exemplos de ocorrência ampla podemos citar urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), quiriquiri (*Falco sparverius*), coruja-da-igreja (*Tyto alba*), caburé (*Glaucidium brasilianum*) e corujinha-do-mato (*Megascops choliba*). Considerando Amazônia, Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica, cerca de 30% das espécies exibem ampla distribuição. Doze por cento ocorrem apenas na Amazônia; 10% distribuem-se entre Amazônia e Brasil central (Cerrado e/ou Caatinga). Outros 7% aparecem na Amazônia e na Mata Atlântica, e 8% são exclusivos da Mata Atlântica, desconsideradas as espécies migratórias (Brasil, 2008).

Pode-se considerar que uma das principais fundamentações da falcoaria é a conservação, sendo suas técnicas empregadas de forma eficaz na preservação de aves de rapina, envolvendo atividades como reprodução em cativeiro, reabilitação, monitoramento populacional e reintrodução ao habitat natural quando necessário (Sielicki, 2016).

Encontram-se organizações de âmbito internacional e nacional elaborando planos e estratégias para mitigar os danos causados nas aves de rapina: as ameaças à biodiversidade, à caça ilegal, o impacto ambiental antrópico, o declínio populacional, os pesticidas e outros (Silva, 2024). As organizações *The Peregrine Fund*, localizada nos Estados Unidos, a Associação Portuguesa de Falcoaria, de Portugal, o Instituto Pró Raptors e o Parque dos Falcões no Brasil são alguns exemplos de organizações que atuam na área de conservação destas espécies.

Uma das bases centrais da prática da falcoaria é a conservação da fauna silvestre, em especial as aves de rapina (Lima; Oliveto, 2014). As técnicas utilizadas por falcoeiros têm se mostrado eficazes na promoção da preservação dessas espécies. Entre as principais ações destacam-se a reprodução em cativeiro, a reabilitação de indivíduos feridos ou debilitados, o monitoramento de populações em ambiente natural, a educação ambiental e a reintrodução de aves ao seu habitat original, quando necessário (Santos et al., 2017; Brasil, 2008).

Tais práticas contribuem significativamente para a manutenção da biodiversidade e o equilíbrio ecológico. Além disso, a falcoaria alia conhecimento tradicional e científico na gestão e proteção dessas aves. Segundo Sielicki (2016), essas atividades são fundamentais no cenário conservacionista contemporâneo.

Os resultados indicam benefícios relevantes para as aves envolvidas na falcoaria, notadamente pela relação consistente estabelecida entre falcoeiro e animal, a qual favorece indicadores de bem-estar. Ainda que a escolha do alimento permaneça sob controle humano, observa-se que, no momento da alimentação, a ave exerce voo livre, condição associada à expressão de repertórios naturais (Lima; Oliveto, 2014).

As ações de sensibilização durante as visitas ao público aproximam visitantes de espécies pouco presentes no cotidiano, reforçando a percepção de sua importância ecológica (Silva et al., 2023). Este estudo contribui para compreender as interfaces entre falcoaria, bem-estar de rapinantes e conservação, ao compilar informações que podem orientar práticas de educação ambiental mais efetivas e elucidar o papel da falcoaria na conservação e no bem-estar dessas aves.

2. OBJETIVOS

Este trabalho busca examinar, em perspectiva crítica, como a falcoaria contribui para o bem-estar e a conservação das aves de rapina nos dias atuais, com base em uma revisão de literatura narrativa.

3. METODOLOGIA

Este trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica narrativa com recorte temporal de 2001 a 2024. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, empreguei a palavra-chave “falcoaria”, obtendo 24 resultados totais. Como critério de seleção, adotei a leitura dos resumos, a partir da qual foram selecionados somente os artigos cujo conteúdo demonstrou pertinência ao tema proposto. Com base nesse critério, foi incluída uma dissertação.

Na plataforma Google Acadêmico, utilizei as combinações “falcoaria” e “aves de rapina”, com 231 resultados, dos quais 1 artigo foi selecionado pelo critério anteriormente apresentado. Combinando os resultados “enriquecimento ambiental” e “aves de rapina”, localizei 465 resultados, dos quais duas dissertações foram incluídas.

Dada a escassez de estudos específicos sobre conservação vinculada à falcoaria, recorri a outras plataformas, o ResearchGate, utilizando “falconry” e “conservation”; no qual selecionei três artigos; e a PubMed, com a palavra-chave “birds of prey”, o qual incorporei à revisão um artigo.

4. RESULTADOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. A História da Falcoaria

Como se trata de uma prática muito antiga e sem um “registro inaugural” claro, não há certeza sobre onde e quando a falcoaria começou. Presume-se que sua origem seja anterior à escrita, uma vez que os relatos mais antigos já descrevem técnicas bem estruturadas e um manejo sofisticado, possivelmente levando séculos para se desenvolver. (IAF, 2025).

A origem da falcoaria, em termos geográficos e cronológicos, permanece incerta, sendo improvável identificar com precisão o seu berço. Como as primeiras representações iconográficas e grande parte dos registros literários antigos provêm do Oriente, é plausível situar no Oriente Leste, no Oriente Médio ou no Extremo Oriente os primeiros usos de aves de rapina em cooperação com humanos. A partir do século XII, com destaque para a figura de Frederico II, o corpo técnico mais abrangente da prática foi transmitido do Oriente por meio dos fluxos da civilização islâmica. Na contemporaneidade, é especialmente no Oriente que a falcoaria segue amplamente praticada, inclusive com disponibilidade de aves de caça no comércio. (Epstein, 1943).

Neste contexto, o conceito de domesticação tem sido utilizado para promover narrativas de progresso e civilização, sendo um marco da emancipação humana em relação à natureza (Vianna, 2023). Dessa forma, ele pode ser entendido como um processo de controle (principalmente comportamental) sobre organismos não humanos, visando à produção de seres dóceis, previsíveis e úteis (Vianna, 2023). Essa perspectiva contribui para reforçar distinções rígidas entre natureza e cultura, humano e não humano, assim como para consolidar a ideia de uma linguagem exclusivamente humana, vista como sinal de racionalidade e identidade (Vianna, 2023). Entretanto, há razões suficientes para questionar essas interpretações restritivas tanto da domesticação quanto da linguagem, sobretudo quando observamos práticas que desafiam tais categorias, como a falcoaria (Vianna, 2023).

A interação entre aves e humanos exemplifica uma relação que escapa ao modelo tradicional de domesticação, pois revela formas de convivência nas quais o não humano não é completamente assimilado nem reduzido à familiaridade (Vianna, 2023). Para compreender essas relações, Vianna (2023) se utiliza do conceito da Biologia do Conhecer, segundo a qual a cognição é um processo biológico e sistêmico emergente da interação entre sistemas vivos. Partindo deste pressuposto, os domínios linguístico e social não são exclusivos do humano e eles resultam de coontogêneses, ou seja, dos encontros recorrentes entre organismos que modulam mutuamente suas trajetórias estruturais e emocionais, por meio de ações compartilhadas em contextos específicos de interação (Vianna, 2023). Nesse sentido,

considera-se aqui que a relação entre o falcão e o falcoeiro expressa esses efeitos de relação interespecífica.

Antigamente, com a necessidade e a intenção de conservar qualidades desejáveis em aves de rapina, os falcoeiros procuravam aves fora da domus (habitação romana antiga ou medieval), uma vez que esses animais possuem resistência no acasalamento em cativeiro e o propósito era manter o comportamento de vida livre dessas aves (Vianna, 2019). A reprodução de rapinantes na atualidade é possível em cativeiro, com pares naturais, seu processo de acasalamento pode ser extenso e envolve longas e organizadas negociações. Nelas, entram em jogo a vocalização e linguagem corporal de ambos os animais que definem se essa “investida” será aceita ou não por sua parceira. A reprodução também pode acontecer por inseminação artificial, onde ocorre um contexto interespecífico entre ave-cuidador, mantendo esse longo processo e estabelecendo, portanto, um domínio linguístico (Vianna, 2011; Schroer, 2018 *apud* Vianna, 2023).

Um fato interessante a ser notado é que, mesmo atualmente, em que as aves de rapina nascem em um ambiente doméstico, mantém-se a relação tradicional que conserva características próprias dos animais silvestres (Vianna et al. 2021). Ao contrário do processo clássico de domesticação, marcado por influências humanas que direcionam e moldam o animal, o manejo praticado pelo falcoeiro não implica imposição sobre a ave, mesmo quando seu desenvolvimento ontogenético ocorre em espaço doméstico, preserva, ainda assim, traços comportamentais e morfológicos semelhantes aos de animais em ambiente natural (Vianna, 2019).

Falcoeiros costumam atribuir às aves um papel ativo no processo de aprendizagem que se estabelece mutuamente, e assim, reconhece que as aves, como os humanos, conseguem assumir posições de guias ou aprendiz, conforme experiência acumulada (Schroer, 2019). As aves, além de contribuírem para o desenvolvimento das competências dos falcoeiros, passam por aprendizagem gradativa, na qual suas habilidades são ajustadas para cooperar com parceiros humanos nas práticas de caça (Schroer, 2014). Esse processo corresponde ao que Ingold (2001) denomina ‘educação da atenção’: “uma formação progressiva do corpo que altera a forma de perceber e experienciar o mundo.”

Por meio da educação da atenção, podemos afirmar que tanto humanos como aves participam de uma relação recíproca de aprendizado construindo juntos essa parceria do conhecer e sentir, e assim, desenvolvem um conjunto de técnicas e sentidos (Schorer, 2014).

Nessa perspectiva pode-se dizer que as aves de rapina não devem ser compreendidas como indivíduos suscetíveis à influência humana ou ao controle e dominação durante a interação animal-falcoeiro, e essa relação deve ser construída com empenho, tempo e atenção dedicada a cada ave individualmente. Esse processo é extremamente importante pela forma que o falcoeiro e a ave irão desenvolver a capacidade de interpretar e responder os sinais comportamentais um do outro, sendo uma lógica de “aprender a aprender”. O dinamismo não acaba quando há uma relação sólida, essa convivência deve-se manter ao longo do tempo com o mesmo empenho, ambos devem se engajar em uma coevolução relacional, sustentando uma disposição emocional que lhes permita ouvir e perceber um ao outro, como destaca Bateson (2000), Vianna (2011) e Schroer (2018).

Os praticantes de falcoaria experienciam essa atividade como uma conexão simbólica com o passado (White, 2007), uma vez que é uma arte antiga e tradicional, como citado acima. Esse vínculo não decorre apenas da continuidade de técnicas tradicionais, mas também da persistência de traços comportamentais e morfológicos das aves de rapina, que, ao contrário de outros seres domesticados (como cães e pombos), pouco se alteraram ao longo de milênios (Vianna, 2023).

Conforme aponta Schroer (2014), para muitos falcoeiros a atividade é vista como um modo de vida, justamente por ocupar um papel central e estruturante no cotidiano de quem a cultiva. Além disso, é um esporte que suscita amplos debates sobre a socialidade humana e não-humana e a identidade do seu praticar.

O vínculo entre falcoeiro e ave depende de protocolos e ferramentas específicas dessa prática e requer cuidado em cada fase, tanto na consolidação da confiança quanto no reconhecimento e respeito no modo de existir da ave (Silva, 2024). Dessa forma, a relação se torna recíproca e se afasta do modelo coercitivo de domesticação. Schorer (2014) também aponta que a falcoaria desafia abordagens

antropocêntricas, exigindo que a antropologia tradicional se abra à inclusão desses animais. Além disso, demanda o reconhecimento de sua capacidade de sociabilidade, de produção de saberes e de sentidos que emergem das atividades compartilhadas e da convivência cotidiana (Silva, 2024).

4.2. Aves de Rapina

As aves de rapina exerceram papel relevante na vida e na cultura de civilizações antigas. Águias, gaviões, falcões, abutres e corujas eram vinculados a divindades e ritos religiosos, frequentemente associados à realeza e à autoridade (Venable, 1996). Nas sociedades da Ásia Ocidental, como Suméria, Babilônia e Assíria, as águias eram objeto de reverência, em razão de sua força e de seu poder simbólico (Venable, 1996).

Embora compartilhem diversas características, as aves de rapina não constituem um grupo monofilético, pois reúnem linhagens evolutivas distintas. Esse conjunto abrange as ordens Accipitriformes (águias, gaviões e abutres), Cathartiformes (urubus e condores), Falconiformes (falcões e carcarás) e Strigiformes (corujas) (Menq, 2020).

Com base nos dados observados por Menq (2020), estimam-se pouco mais de 550 espécies de rapinantes no mundo, das quais cerca de 340 são diurnas (gaviões, falcões e águias) e 212 correspondem às corujas. No Brasil, registram-se 100 espécies de aves de rapina: 50 **Accipitriformes**, 21 **Falconiformes**, 23 **Strigiformes** e 6 **Cathartiformes** (urubus); em conjunto com outros países da região neotropical, o país integra a área de maior diversidade de rapinantes do planeta.

De modo geral, as aves de rapina apresentam fidelidade ao local e à estrutura do ninho onde eclodiram, replicando esse padrão ao longo do próprio ciclo reprodutivo. Em algumas espécies, como o gavião-real (*Harpia harpyja*), um mesmo casal pode reutilizar o ninho por vários anos. Em regra, as ninhadas compreendem dois a três ovos; entre os Falconiformes, contudo, é frequente a postura de apenas um ovo (Brasil, 2008)

Para Correia e Pereira (2011) as aves de rapina podem ser classificadas em aves de “alto-voo” e “baixo-voo” sendo diferenciadas por características anatômicas, psíquicas, comportamentais e em evidência, sua capacidade de caça. As aves de alto voo, em geral pertencentes ao gênero *Falco* (falcões), apresentam asas em formato de foice e conformação aerodinâmica que favorece o patrulhamento de áreas abertas, em grande altitude, culminando em mergulhos rápidos sobre a presa. A captura e a morte decorrem de lacerações provocadas pelo bico, cuja morfologia é adaptada a essa função (Correia; Pereira, 2011). As aves de baixo voo, pertencentes ao gênero *Accipiter* (águias e gaviões), concluem a captura por meio de garras robustas e dispõem de asas mais arredondadas, o que lhes confere elevada manobrabilidade em ambientes florestais ou arbustivos, permitindo contornar obstáculos enquanto perseguem a presa (Correia; Pereira, 2011). Segundo Afonso (2021), devido à sua versatilidade, este é um dos voos mais praticados mundialmente.

A ordem Accipitriformes reúne rapinantes diurnos de variados portes, caracterizados por garras afiadas e bico robusto e curvado, empregados na captura e no processamento das presas, além de acuidade visual elevada que permite localizar alvos a longas distâncias. Apresentam dimorfismo sexual, com fêmeas geralmente maiores e mais pesadas que os machos, e formam vínculos reprodutivos monogâmicos. Incluem três famílias: **Sagittariidae**, **Pandionidae** e **Accipitridae** (Menq, 2017a).

A ordem **Falconiformes** compreende a família **Falconidae**, que inclui os falcões e o carcará. Trata-se de um grupo numeroso e heterogêneo, cuja distinção em relação aos **Accipitriformes** decorre, sobretudo, do método de abate: a morte da presa é provocada pelo bico, dotado de um rebordo no bico superior, semelhante a um ‘dente’, utilizado para seccionar a medula espinhal. Em geral, ocupam ninhos previamente construídos por outras aves (Menq, 2017b).

A ordem **Cathartiformes** reúne a família **Cathartidae**, que abrange urubus e condores. São aves de grande porte, com asas longas e largas, cabeça e pescoço nus. As patas não desempenham função de apreensão ou abate de presas, pois a dieta é predominantemente de cadáveres. O dimorfismo sexual é pouco evidente e, em sua maioria, os urubus apresentam coloração escura. Os urubus desempenham

papel ecológico fundamental ao manterem o ambiente limpo, consumindo desde carcaças até ossos; estima-se que removam cerca de 95% das carcaças de animais mortos na natureza. Ao suprimirem esse material orgânico, contribuem para conter a disseminação de patógenos, reduzindo o risco de doenças que poderiam acometer fauna silvestre e animais domésticos (Menq, 2017c).

A Ordem **Strigiformes** é composta pelas famílias **Strigidae** e **Tytonidae**. Em sua maioria noturnas, essas aves apresentam traços morfológicos e anatômicos característicos: olhos grandes, asas largas, cauda curta e plumagem macia e serrilhada que favorece o voo silencioso, além de acuidade visual e auditiva elevadas. O dimorfismo sexual é discreto, com fêmeas geralmente mais pesadas e vocalizações mais graves. Na estação reprodutiva, as corujas vocalizam intensamente; machos e fêmeas emitem cantos e chamadas na busca por parceiros. A coloração, em geral críptica, varia do marrom-escuro ao cinza-claro, proporcionando camuflagem na vegetação durante o repouso diurno (Menq, 2017d).

4.3. A Falcoaria na Atualidade

O traço unificador entre aves de rapina se manifesta na relação estabelecida com humanos no contexto da falcoaria. Além desse recorte social, o panorama é desfavorável: de mais de 500 espécies conhecidas, cerca de metade apresenta declínio em sua população e quase 20% encontra-se ameaçada de extinção (Mcclure et al., 2018). O risco é mais intenso justamente na região neotropical, onde a diversidade é maior e onde a supressão da vegetação nativa, somada ao uso amplo de pesticidas e outros tóxicos, tem agravado a situação (Vianna, 2023).

Além do declínio em suas populações e outros fatores biológicos, as aves de rapina têm sido historicamente alvo de perseguição, principalmente em territórios ocupados por humanos ao redor do mundo todo (Vianna, 2023). Essa perseguição pode se dar por motivos variados como por serem acusadas de atacar animais domésticos ou por serem capturadas para comercialização no tráfico de animais silvestres. Algumas espécies acabam por aproximar-se do espaço humano

para improvisar ninhos ou aproveitar resíduos e restos de atividades humanas (Vianna, 2023). Nessa situação, as aves de rapina acabam por ficar expostas a múltiplas formas de violência, intencional ou não-intencional, ao encontrar com pessoas e seus pertences. Apesar desses problemas, algumas aves conseguem prosperar e viver nesses ambientes, tal como o Carcará (*Carcara plancus*), que possui uma dieta generalista e comportamento oportunista, aumentando sua população em áreas urbanas (Vianna, 2023).

Como dito anteriormente, a falcoaria se tornou, a partir de 2016, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO, sendo reconhecida como prática social e recreativa e funcionando como emblema cultural em diversos países. Para a organização citada, a falcoaria é uma associação duradoura entre humanos e não humanos, transmitida de geração em geração e compartilhada por falcoeiros de diversas culturas, ligados por princípios comuns e apego à tradição (Silva, 2024).

Segundo Łukaszyk (2012), a ação da UNESCO apoia-se na percepção crescente de que não são apenas monumentos e artefatos preservados que configuram a paisagem cultural humana. Cultura é, evidentemente, algo mais amplo. A tradição viva forma e modela uma comunidade na qual a pessoa se insere e da qual extrai um sentido para a própria existência, ao identificar-se com um conjunto mais amplo de valores disseminados no espaço e tempo. A falcoaria constitui uma dessas comunidades, funcionando como veículo de valores que podem ser explicitados e defendidos de modo consistente e não se reduzindo a um mero repertório de técnicas para domar aves de rapina visando a caça e muito menos a um meio eficiente de obtenção da carne.

Ainda de acordo com Łukaszyk (2012), não é exagero descrever a falcoaria como um estado de espírito, e, quando os falcoeiros procuram deixar legados dessa herança, não pretendem apenas transmitir a um método arcaico de subsistência, e sim uma disposição ética e sensível que se consolidou como uma tradição coerente, perpetuada ao longo dos séculos até os dias atuais.

O voo de um falcão abre horizontes. Foi usado como uma chave, facilitando interações internacionais e interculturais no passado, e ainda pode ser usado nesta função hoje. De fato, não há abismo ideológico, nenhuma diferença de credo tão grande a ponto de dividir as pessoas, que uma paixão comum por aves de rapina não possa reconstituir. O declínio da tradição da falcoaria, de fato, menospreza a identidade humana em muitos aspectos. Ela diz respeito à relação tanto com outros homens quanto com a transcendência. Promove a identificação, tanto como membro de uma comunidade universal quanto de uma comunidade local. Abre caminhos inexplorados. Em todos esses domínios, os falcões podem oferecer uma grande e surpreendente lição de ser verdadeiramente humano. Łukaszyk, 2012, p43.

Atualmente, a falcoaria também é empregada no manejo de riscos em aeroportos, especialmente durante decolagens e pousos. O treinamento dirigido permite que rapinantes sejam condicionadas a dispersar ou capturar, sem abater, aves que se agregam nas áreas gramadas próximas às pistas. Dessa forma, a intervenção com aves de rapina atua em momentos críticos da operação aeronáutica e contribui para a redução do risco de incidentes (Silva, 2024).

O falcoeiro mantém vínculo estreito com a conservação e a preservação de aves de rapina, de forma que a maioria das ONGs e associações dedicadas ao tema mantém relações diretas ou indiretas com esses profissionais. Projetos conduzidos por equipes multidisciplinares como o projeto Harpia no Brasil, com participação de falcoeiros, obtiveram êxito na reprodução desses animais em cativeiro e em sua posterior reintrodução na natureza (Lindenmeyer, 2015).

No Brasil, a falcoaria carece de regulamentação específica, por isso, a manutenção de aves restringe-se ao adestramento e ao uso no controle de fauna. Para adquirir um espécime, é imprescindível conhecer a legislação aplicável à criação de rapinantes no país, cumprir as obrigações legais do tutor e submeter-se a treinamento oferecido por entidade habilitada ao adestramento (Silva, 2024).

Embora ainda não haja regulamentação específica no Brasil, a falcoaria tem recebido avaliação favorável de órgãos ambientais. Mediante termos de cooperação firmados com essas instituições, técnicas falcoárias vêm sendo aplicadas

por associações e instituições como ABFPAR, ANF, BH Hawking Club, com resultados positivos em programas de educação e conservação que englobam triagem, reabilitação e reintegração de aves à vida silvestre. Essas iniciativas têm ampliado a produção de conhecimento sobre a fauna brasileira e contribuído para sua conservação (Lima; Oliveto, 2014).

4.4. Conservação

No cenário atual, múltiplos fatores (desmatamento, poluição, caça, tráfico de animais, aquecimento global e incêndios) continuam a ameaçar a biodiversidade e desestabilizar o ecossistema, elevando a taxa de extinção a patamares extremos, quase sempre associados a ações antrópicas. Em muitos casos, as populações declinaram a ponto de tornar-se insuficientes as medidas de conservação **in situ**; sendo assim a pertinência de estratégias **ex situ**, entendidas como a manutenção e o manejo, por períodos prolongados, de populações viáveis em cativeiro, fora do habitat original (EAZA, 2013; Ramos, 2022).

É plausível que a perda, a fragmentação e a degradação de habitats constituam os principais fatores associados à redução, e, por vezes, à extinção local, de populações de rapinantes no Brasil (BRASIL, 2008). A conversão de áreas naturais em agricultura e/ou pastagens, bem como a consequente formação de paisagens altamente fragmentadas, figura entre as causas mais frequentes de deslocamento territorial e de declínios populacionais nessas espécies (BRASIL, 2008).

Para além da perda e degradação de habitats, as espécies sofrem impactos diretos, como a retirada de indivíduos da natureza. À semelhança do que ocorre globalmente, o tráfico de fauna no Brasil permanece como ameaça significativa à biodiversidade, sendo que aproximadamente 82% dos animais contrabandeados correspondem a aves (Costa et al., 2018). Além disso, acidentes com estruturas antrópicas são também uma ameaça expressiva às aves de rapina, incluindo colisões com vidraças refletivas, turbinas eólicas, cercas e linhas de pipa com cerol; choques com aeronaves também contribuem para a mortalidade, embora sejam monitorados em aeroportos, linhas de alta tensão, usadas como poleiros, elevam o risco de eletrocussão, sobretudo em espécies de maior porte. Muitos óbitos nessas redes,

especialmente à beira de rodovias, são subestimados por serem confundidos com atropelamentos (Brasil, 2008).

A falcoaria e educação ambiental estão intrinsecamente ligadas à conservação, a qual é organizada em torno de dois eixos complementares. De um lado, prevalece a conservação baseada na proteção, centrada na salvaguarda de espécies e na criação de áreas reservadas para a preservação de habitat, uma diretriz consagrada, por exemplo, na Convenção de Berna de 1979 sobre a Conservação da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais Europeus. De outro, ganha relevo a conservação orientada por incentivos, alinhada ao Art. 11 da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que recomenda a adoção de medidas econômicas e socialmente sólidas para estimular a conservação e o uso sustentável dos recursos (Kenward et al., 2008).

Para Sielicki (2016), as técnicas de falcoaria que têm sido amplamente empregadas em programas de conservação e reabilitação de aves de rapina, mostraram-se eficazes tanto no manejo e domesticação desses animais quanto na manutenção de sua saúde e condição física, com destaque para o cuidado da plumagem, um aspecto crucial para o desempenho das aves de rapina.

Segundo Kenward et al. (2008), o ressurgimento da falcoaria nas décadas de 1950 e 1960 ocorreu em paralelo a quedas expressivas em determinadas populações de aves de rapina. Estudos atribuíram esses declínios ao emprego de novos pesticidas na agricultura. Em alguns países a prática da falcoaria foi responsabilizada, sobretudo pela retirada de filhotes dos ninhos dos últimos falcões-peregrinos (*Falco peregrinus*) remanescentes na natureza, como registrado na Dinamarca e em Schleswig-Holstein. Em resposta, foram aprovadas leis restringindo a caça com aves de rapina em nações com pouca tradição falcoária, entre elas Dinamarca e Suécia. No Reino Unido e na América do Norte, falcoeiros fundaram organizações voltadas à conservação de aves de rapina (como a *Hawk Trust*, a *Raptor Research Foundation* e a *Peregrine Fund*) e iniciaram programas de reprodução do falcão-peregrino, espécie então extinta em determinadas regiões da Europa e da América do Norte.

Com o avanço da criação em cativeiro, esta passou a constituir a principal fonte de aves de rapina para a falcoaria na Europa, sobretudo porque o endurecimento das políticas de proteção reduziu, em muitos países, a concessão de licenças para o uso de indivíduos silvestres. Essa mudança reposicionou a relação entre os falcoeiros e as populações naturais de rapinantes, em direções já antecipadas pelas diferenças previamente observadas no suprimento proveniente da vida livre (Kenward et al., 2008).

Em 1971, na Irlanda, uma fêmea de falcão-sacre (*Falco cherrug*) e um macho de falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), que cortejavam outros indivíduos, foram alojados juntos em um recinto de reprodução por falta de parceiros disponíveis e produziram dois filhotes. A partir desse episódio, difundiu-se a criação de híbridos de falcões, inicialmente como curiosidade e como demonstração de compatibilidade reprodutiva em cativeiro, e, posteriormente, com o objetivo de obter características consideradas mais vantajosas do que as observadas nas espécies parentais puras (Kenward et al., 2008).

O principal risco da liberação na natureza de aves de rapina exóticas oriundas da falcoaria é o efeito sobre o patrimônio genético das populações nativas, com possível formação de híbridos entre espécies (Farajli, 2024). Entre 1975 e 2020, híbridos representaram 26,8% dos 188.149 falcões comercializados legalmente, sobretudo para falcoaria, indicando alta participação de híbridos nessa prática. O aumento de escapamentos no Cáucaso (Armênia, Geórgia e Azerbaijão) ameaça à integridade genética de populações reprodutivas de falcão-sacre e outros grandes falcões, exigindo medidas conservacionistas urgentes. Como fêmeas de falcão-sacre de casais reprodutores registrados no Azerbaijão têm origem na falcoaria, há possibilidade de portarem componentes genéticos híbridos não detectados e transmiti-los às populações naturais (Farajli, 2024).

Ainda conforme Farajli (2024), campanhas de soltura dessa natureza devem ser suspensas até a realização de testes genéticos adequados que confirmem a ausência de hibridização entre os indivíduos a serem reintroduzidos. Ainda que não se identifique hibridismo, é imprescindível assegurar que as ações voltadas à preservação do patrimônio genético, no Azerbaijão, dos falcões-peregrinos

caucasiano-mediterrâneos (*Falco peregrinus brookei*) não coincidam com o período reprodutivo (Farajli, 2024).

Entretanto, segundo Kenward (2009), um estudo foi elaborado pela Comissão Europeia e identificou três preocupações relacionadas à falcoaria: risco de introdução de espécies exóticas, captura ilegal de aves silvestres e introgressão genética por hibridização, entre essas, a introdução de espécies exóticas foi considerada a de menor relevância no contexto europeu.

No Brasil, a instituição Pró Raptors, sediada em Brumadinho (MG), desenvolve mecanismos de preservação da natureza por meio de estudos, assessorias e treinamentos técnico-profissionais voltados a interessados em ecologia, zoologia, manejo e conservação. Suas frentes incluem a elaboração e execução de planos de manejo de fauna; projetos de refaunação, pesquisa e desenvolvimento em ecologia e biologia reprodutiva de rapinantes em ambientes naturais; estruturação de planos de reabilitação de aves de rapina; além de perícias, laudos, estudos, relatórios e ações específicas voltadas ao manejo e à conservação de espécies ameaçadas (Instituto Pro Raptors, 2020).

Cabe mencionar o Parque dos Falcões, em Sergipe, centro voltado à criação, multiplicação e preservação de aves de rapina sul-americanas. Com a meta de proteger as espécies que ocorrem no Brasil, o Parque consolidou-se como referência no manejo, reprodução e reabilitação desses animais, reunindo amplo conhecimento sobre seu comportamento (Itabaiana, 2019).

No mesmo sentido, é importante salientar o Projeto Harpia, iniciativa de conservação que, há aproximadamente 25 anos, monitora mais de 60 ninhos na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica (Zanon, 2022). Entre seus eixos, destaca-se uma abordagem integrada, com prioridade à reintrodução de aves aptas ao retorno à natureza; a execução mobiliza pesquisadores, voluntários e estudantes na coleta de dados, na realização de ações de educação ambiental e na difusão de informações voltadas à proteção das áreas do entorno dos ninhos (Zanon, 2022).

4.5. Bem-Estar Animal

A conservação ex situ requer o atendimento de necessidades específicas dos animais, com o monitoramento de condições fisiológicas, cuidados veterinários e segurança, sendo esses cuidados essenciais à sobrevivência. Além das exigências básicas e obrigatórias, o dever ético de possuir um animal sob cuidados humanos implica em atender também às demandas sociais destes, bem como estímulos cognitivos e possibilidades de escolha, sempre visando o bem-estar desse animal (Ramos, 2022).

Segundo Mellor et al. (2009) o bem-estar está presente quando as necessidades nutricionais, ambientais, de saúde, comportamentais e mentais dos animais são atendidas integralmente; ou seja, quando não há comprometimento em nenhum dos cinco domínios do bem-estar. Para além disso, é necessária a presença de experiências positivas, por exemplo, saciedade, contentamento, vitalidade, prazer e alegria, e quanto mais essas experiências o animal vivenciar, maior será seu nível de bem-estar. Para Maple (2020), considera-se que um animal apresenta bom bem-estar quando está saudável, confortável, adequadamente nutrido e seguro, podendo expressar comportamentos próprios da espécie e encontrando-se livre de estados aversivos, como dor, medo e angústia.

Nesse contexto, o Enriquecimento Ambiental (EA) configura-se como ferramenta dinâmica, fundamentada na biologia comportamental e na história natural das espécies, destinada a ampliar as oportunidades de escolha e a promover repertórios comportamentais naturais, com consequente elevação dos padrões de bem-estar animal (Ramos, 2022). Algumas estratégias utilizam a oferta alimentar variada, a aplicação de elementos diferentes e curiosos no recinto, a inserção de desafios cognitivos e multissensoriais, e o estímulo de interações sociais intra e interespecíficas (Mellor et al., 2009).

Conforme Ramos (2022), o desenvolvimento dessas técnicas busca mitigar a escassez de estímulos típica do cativeiro, em relação ao ambiente natural. Isso é feito mediante a introdução de elementos que promovam desafios e experiências comportamentais relevantes e a concepção de recintos que simulam o habitat da espécie.

O EA também tem por finalidade atenuar o estresse e reduzir comportamentos anormais, estereotipados ou auto lesivos. Ao mitigar os efeitos do estresse sobre a fisiologia sexual, favorece-se a reprodução; quando esta ocorre em cativeiro, constitui um indicador relevante das condições de saúde e de bem-estar do animal (Ramos, 2022). Em cenários de possível reintrodução, o uso continuado de EA tende a facilitar o retorno ao ambiente natural, pois os indivíduos chegam mais aptos a lidar com contextos complexos, imprevisíveis e com maior diversidade de estímulos (Ramos, 2022).

As aves de rapina constituem um grupo de elevada complexidade cognitiva, cujas atividades são amplamente ancoradas em padrões instintivos, como a busca por alimento. À semelhança do que se observa em psitacídeos mantidos como pets, indivíduos de rapina em cativeiro mostram-se suscetíveis a distúrbios comportamentais quando não conseguem expressar adequadamente seus repertórios naturais (Jones, 2001). Nesses casos, as respostas podem tornar-se mal direcionadas e manifestar-se de modos potencialmente danosos à própria ave ou a seus cuidadores. Tais problemas não emergem abruptamente, por isso, é fundamental que o veterinário especializado em rapinantes compreenda os determinantes do comportamento dessa ordem, distinguindo a expressão de padrões normais e anormais em condições de cativeiro (Jones, 2001).

De acordo com Pinheiro (2013), em centros de recuperação de fauna silvestre, o enriquecimento ambiental ocupa papel crucial em aves de rapina ao prevenir a perda de comportamentos antipredatórios em indivíduos em reabilitação, condição essencial para a sobrevivência após a soltura. Evidências indicam que a inclusão de treinamento antipredatório nos protocolos de enriquecimento ambiental resulta em aumentos significativos nas taxas de sobrevivência.

Para Ramos (2022), a fim de que o EA seja efetivo e não tenha efeitos adversos, torna-se indispensável identificar as causas do comportamento que se busca suprimir, definir objetivos precisos para a aplicação do EA e compreender de que modo diferentes técnicas podem incidir sobre esse comportamento. As categorias para implementação de um EA se diferenciam em cinco categorias: alimentar,

cognitiva, física, sensorial e social, sendo que uma não exclui a outra e podem ser implementadas juntas (Hoy et al., 2010).

Embora escassa, a literatura sobre EA aplicada a aves de rapina indica que o cativeiro pode gerar elevado estresse. Por isso, Ramos (2022) defende que a promoção do bem-estar se baseie no conhecimento das particularidades ecológicas e comportamentais como dietas, habitats, locais de nidificação e padrões de comportamento.

4.6. Educação Ambiental

Para Silva et al. (2023), embora a problematização das relações entre os sujeitos e o ambiente em que se vive possa gerar desconforto, impõe-se a formulação de ações capazes de suscitar reflexão crítica sobre o impacto dessas interações no presente e sobre sua necessidade para assegurar um futuro digno para os que virão a seguir.

Nesse contexto, a educação ambiental torna-se uma parte essencial do processo, seja no lar, escolas ou comunidade, para sensibilizar as crianças desde cedo para hábitos de consumo conscientes, de modo que tal postura, além de gerar economia, possa diminuir a pressão sobre os bens naturais. Além disso, as ações de sensibilização avançam de modo progressivo ainda que lentamente, e esse trabalho precisa ser constante pois poderá levar gerações para que se torne perceptível. Quando as questões ambientais passam a compor a rotina coletiva, o engajamento cresce, fortalece-se o sentimento de pertencimento e eleva-se um maior equilíbrio entre as pessoas e o ambiente em que vivem (Silva et al. 2023).

Conforme exposto, para Silva et al. (2023), a educação ambiental é um instrumento eficaz para aproximar a comunidade das questões socioambientais. Quando o público observa animais ativos, expressando comportamentos próprios da espécie, em recintos que simulam o habitat natural, a sensibilização e o apoio a práticas conservacionistas tendem a aumentar, favorecendo o engajamento social.

A educação opera de modo bidirecional: pessoas mais velhas instruem as mais jovens, e estas, por sua vez, também influenciam e informam seus pais (Sielicki, 2016). A expansão acelerada da internet e das mídias sociais reduziu o isolamento e possibilitou contatos amplamente distribuídos com falcoeiros experientes em regiões antes inalcançáveis. Um país que estrutura sua prática sobre três pilares da falcoaria como a caça, conservação e educação tende a manter uma falcoaria robusta e sustentável (Sielicki, 2016).

Para Schwartz (2013), aves de rapina constituem uma ferramenta pedagógica potente e versátil em programas de educação ambiental, capazes de mobilizar múltiplos temas e produzir variados resultados. Seu potencial tende a ampliar-se quando educadores estabelecem, de forma intencional, conexões significativas entre as aves e o público, ao mesmo tempo em que promovem efeitos afetivos. Além disso, o uso planejado de rapinantes pode contribuir de modo mais eficaz para metas complexas da educação ambiental, como a mudança de comportamento e o fortalecimento do locus de controle interno do público-alvo.

Como estratégia de educação ambiental, diversas instituições promovem visitas guiadas com demonstrações de voo de aves de rapina para aproximar a comunidade. No Brasil, o Dreams Eco Park Foz, em Foz do Iguaçu (PR), é um exemplo. Nessas atividades, as apresentações ocorrem nos horários habituais de alimentação, de modo que o público observe comportamentos naturais, enquanto recebe informações sobre a falcoaria clássica e contemporânea, sua relevância para a reabilitação e o manejo adequado desses animais, bem como esclarecimentos que desconstroem mitos que frequentemente geram rejeição a essas espécies.

5. DISCUSSÃO

Considerando a trajetória histórica da falcoaria e sua estreita relação entre humanos e aves, esta revisão ressalta a pertinência de sua aplicação para a conservação e para a promoção do bem-estar de rapinantes aliada à educação ambiental. Trata-se de um campo em que práticas tradicionais podem oferecer

respostas técnicas e educativas alinhadas às demandas contemporâneas de manejo responsável (Lima; Oliveto, 2014).

Muitas aves de rapina enfrentam impactos antrópicos significativos, tráfico de fauna, linhas de alta tensão, uso de cerol, que resultam em mortalidade ou em lesões incapacitantes, impedindo o retorno imediato ao ambiente natural, como apontado no Plano Nacional para a Conservação de Aves de Rapina (Brasil, 2008). Nesses casos, os indivíduos são encaminhados a centros de reabilitação regionais, onde se realiza o tratamento e a preparação para a posterior análise de reintrodução no habitat de origem (Lima; Oliveto, 2014).

Porém, quando a reintrodução não é viável, impõe-se a permanência em cativeiro, circunstância que exige atenção rigorosa ao bem-estar e à conservação. A conservação busca evitar declínios populacionais e manter a capacidade reprodutiva, inclusive em cativeiro, como realiza a instituição Peregrine Fund (Vianna, 2023; Silva, 2024). O bem-estar, por sua vez, requer condições que aproximem o recinto das exigências ecológicas da espécie, favorecendo saúde, comportamento adequado e qualidade de vida (Mellor et al., 2009).

Nesse contexto, destaca-se o papel dos falcoeiros na conservação, seja pelo monitoramento sistemático de rapinantes, seja pela produção de estudos que aprofundam a compreensão de sua ecologia e subsidiam medidas voltadas a prevenir o declínio populacional dessas espécies (Sielicki, 2016).

Apesar da importância da falcoaria para a conservação, nesse levantamento, também verificamos a existência de uma preocupação com a hibridização em aves de rapina, com destaque para a necessidade de se preservar a integridade genética das populações, evitando riscos e anomalias (Farajli, 2024). Dessa forma, recomenda-se, antes de qualquer reintrodução no habitat natural, a realização de testes genéticos que confirmem a ausência de hibridização, como medida preventiva para resguardar a qualidade genética das futuras gerações (Farajli, 2024).

A falcoaria também desempenha papel relevante na criação em cativeiro ao estimular repertórios naturais, como a caça e a vigilância do ambiente. Ainda que alguns indivíduos não capturem presas e recebam alimento diretamente do falcoeiro,

a alimentação ao ar livre e os protocolos que incentivam respostas instintivas contribuem para preservar habilidades etológicas (Lima; Oliveto, 2014). Em paralelo, algumas instituições, como o Eco Park Foz, em Foz do Iguaçu no Paraná, associam essas rotinas a ações de educação ambiental, reforçando, junto ao público, a importância ecológica e a necessidade de proteção dessas espécies.

O bem-estar de aves de rapina constitui elemento indispensável na criação e na reabilitação desses animais. Para garanti-lo, é necessário conhecer a biologia e a ecologia da espécie e aplicar corretamente tais conhecimentos por meio de protocolos de enriquecimento ambiental e de desafios cotidianos que estimulem a expressão de comportamentos naturais, medidas que aproximam as condições de manejo do habitat de origem e asseguram uma vida digna em cativeiro (Ramos, 2022; Mellor et al., 2009).

Por fim, a união entre educação ambiental e falcoaria favorece a sensibilização pública acerca da relevância das aves de rapina para a biodiversidade e amplia a consciência sobre problemas como o tráfico de fauna, os acidentes envolvendo linhas de alta tensão e a perda de habitat (Silva et al., 2023). Ao enfatizar a necessidade de preservar ambientes naturais, reduz-se a probabilidade de aproximação dessas espécies a rodovias e áreas urbanizadas, mitigando riscos de incidentes e fortalecendo estratégias de conservação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura realizada neste estudo evidenciou como a falcoaria, hoje, pode contribuir para a conservação e o bem-estar de aves de rapina. Embora ainda haja poucos trabalhos que tratem diretamente desses dois pontos em comum, o que se encontrou mostra que uma prática antiga pode oferecer respostas úteis a problemas atuais. Quando associadas a protocolos de bem-estar, as técnicas de falcoaria ajudam a aproximar o cativeiro das demandas ecológicas das espécies, seja com enriquecimentos, desafios comportamentais ou voos controlados, favorecendo saúde, funcionalidade e a expressão de comportamentos naturais. Ademais,

protocolos de bem-estar aliados à métodos de falcoaria podem auxiliar na recuperação, reprodução e soltura das aves de rapina.

É fundamental ampliar a produção científica sobre falcoaria, conservação e bem-estar de aves de rapina, a fim de preencher lacunas metodológicas e fortalecer a base empírica disponível. Estudos comparativos, protocolos padronizados bem como ampliar estudos de acompanhamento de longo prazo, com dados coletados de forma contínua e padronizada, para avaliar com maior precisão os efeitos da falcoaria sobre a conservação e o bem-estar de aves de rapina. Esses estudos podem melhorar o monitoramento populacional, refinar indicadores de bem-estar e orientar práticas de manejo em cativeiro e em vida livre. Assim, aumenta-se a capacidade de proteger as espécies e a biodiversidade, com ações mais eficazes no Brasil e no mundo.

7. REFERÊNCIAS

AFONSO, P. **Ebook – Falcoaria, um primeiro olhar**. [S.l.]: Associação Portuguesa de Falcoaria, 2021. Ebook (PDF).

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BRASIL. **Plano de ação nacional para a conservação de aves de rapina**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, Coordenação-Geral de Espécies Ameaçadas, 2008. 136 p. (Série Espécies Ameaçadas, n. 5).

CORREIA, F.; PEREIRA, A. A falcoaria em Portugal, à luz de princípios universais. **Agroforum**, ano 19, n. 27, 2011.

COSTA, F. J. V.; RIBEIRO, R. E.; DE SOUZA, C. A.; NAVARRO, R. D. Espécies de aves traficadas no Brasil: uma meta-análise com ênfase nas espécies ameaçadas. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 324–346, 2018. DOI: 10.21664/2238-8869.2018v7i2.p324-346.

EAZA. **The modern zoo: foundation for management and development**. 2. ed. Amesterdão: EAZA, 2013.

EPSTEIN, H. J. The origin and earliest history of falconry. **Isis**, v. 34, n. 6, p. 497–509, 1943.

FARAJLI, Z. **The impact of falconry on the conservation of large falcon populations**. Baku Research Institute, 2024.

HOY, J. M.; MURRAY, P. J.; TRIBE, A. Thirty years later: enrichment practices for captive mammals. **Zoo Biology**, v. 29, n. 3, p. 303–316, 2010.

INGOLD, T. From the transmission of representation to the education of attention. In: WHITEHOUSE, H. (ed.). **The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography**. Oxford: Berg, 2001. p. 113–153.

INSTITUTO PRO RAPTORS. Sobre nós. Brumadinho, 2020. Disponível em: <<https://proraptors.org/sobre-nos/>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR FALCONRY AND CONSERVATION OF BIRDS OF PREY (IAF). A história da falcoaria. Disponível em: <<https://iaf.org/a-history-of-falconry>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ITABAIANA (SE). **Parque dos Falcões**. Portal Oficial da Prefeitura de Itabaiana, [S.l.], [2019]. Disponível em: <<https://itabaiana.se.gov.br/turismo/3/parque-dos-falcoes>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

JONES, M. P. Behavioral aspects of captive birds of prey. **Veterinary Clinics of North America: Exotic Animal Practice**, v. 4, n. 3, p. 613–632, 2001. DOI: 10.1016/s1094-9194(17)30026-9. PMID: 11601103.

KENWARD, R. Conservation values from falconry. In: **Reintroduction biology: integrating science and management**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. DOI: 10.1002/9781444303179.ch11.

KENWARD, R. E.; GAGE, M. J. G. Opportunities in falconry for conservation through sustainable use. In: SIELICKI, J.; MIZERA, T. (eds.). **Peregrine falcon populations – status and perspectives in the 21st century**. Warsaw: Turul, 2008. p. 183–206.

LIMA, D.; OLIVETO, A. **Manual de introdução à falcoaria**. [S.l.]: Associação Nordeste de Falcoaria e Conservação de Aves de Rapina, 2014. p. 1–27.

LINDENMEYER-SOUSA, L. A. O uso da falcoaria na reabilitação de aves de rapina. **Falcoeiros BR**, 19 set. 2015. Disponível em: <<https://falcoeirosbr.wixsite.com/falcoeirosbr/single-post/2015/09/19/o-uso-da-falcoaria-na-reabilita%C3%A7%C3%A3o-de-aves-de-rapina>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

ŁUKASZYK, E. Falconry as intangible heritage: a universe of values. **International Journal of Falconry**, [S.l.], v. 2012, n. 1, p. 38–43, 2012. Disponível em: <<https://www.ewalukaszyk.com/falconry-project-2014-2016.html>>. Acesso em: 2 set. 2025.

MAPLE, T. L. **Além do bem-estar animal: a arte e ciência da vida próspera no zoológico**. Charleston: Palmetto Publishing Group, 2020. 264 p.

McCLURE, C. J. W.; MARTINSON, L.; ALLISON, T. D. Automated monitoring for birds in flight: proof of concept with eagles at a wind power facility. **Biological Conservation**, v. 224, p. 26–33, 2018. ISSN 0006-3207.

MELLOR, D. J.; PATTERSON-KANE, E.; STAFFORD, K. J. **The sciences of animal welfare**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. 212 p.

MENQ, W. Ordem Accipitriformes. **Aves de Rapina Brasil**, [S.l.], 2017a. Disponível em: <<https://www.avesderapinabrasil.com/accipitriformes.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MENQ, W. Ordem Cathartiformes. **Aves de Rapina Brasil**, [S.l.], 2017b. Disponível em: <<https://www.avesderapinabrasil.com/cathartiformes.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MENQ, W. Ordem Falconiformes. **Aves de Rapina Brasil**, [S.l.], 2017c. Disponível em: <<https://www.avesderapinabrasil.com/falconiformes.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MENQ, W. Ordem Strigiformes. **Aves de Rapina Brasil**, [S.l.], 2017d. Disponível em: <<https://www.avesderapinabrasil.com/strigiformes.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MENQ, W. Características gerais das aves de rapina. **Aves de Rapina Brasil**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.avesderapinabrasil.com/caracteristicas_gerais.htm>. Acesso em: 19 nov. 2025.

PINHEIRO, A. F. L. **Estudo de enriquecimento ambiental em aves de rapina em recuperação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade do Minho, Portugal, 2013.

RAMOS, F. G. P. M. **Enriquecimento ambiental em aves de rapina diurnas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade do Porto, Portugal, 2022.

SANTOS, C. B. T.; ULLONY, K. M.; SILVA, M. C. C.; MARTHA, G. O. D.; SAMPAIO, B. F. B. Falcoaria, conservação e reabilitação de aves de rapina – projeto de ensino da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. In: **Anais X MOSTRA CIENTÍFICA FAMEZ / UFMS**. Campo Grande: FAMEZ/UFMS, 2017. p. 391–392.

SCHROER, S. A. **On the wing: exploring human-bird relationships in falconry practice**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Aberdeen, 2014.

SCHROER, S. A. Breeding with birds of prey. In: LIEN, M. E.; SWANSON, H. A.; WEEN, G. B. (eds.). **Domestication gone wild: politics and practices of multispecies relations**. Durham: Duke University Press, 2018. p. 34–49.

SCHROER, S. A. Jakob von Uexküll: the concept of Umwelt and its potentials for an anthropology beyond the human. **Ethnos**, 2019. DOI: 10.1080/00141844.2019.1606841.

SCHWARTZ, J. **Raptors in education: how educators use live raptors for environmental education**. Minneapolis: University of Minnesota Digital Conservancy, 2013.

SIELICKI, J. Falconry as a biodiversity conservation tool. In: **Falconry – its influence on biodiversity and cultural heritage**. Conference material, p. 1–10, 2016.

SILVA, J. M. da; NOVELLO, T. P.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z. O despertar do pertencimento e da sensibilização através da educação ambiental não formal: uma

experiência vivida. **Revista Amazônica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, v. 8, n. 1, p. 1–15, 2023.

SILVA, M. do S. **Relações interespecies na falcoaria: um estudo sobre “H is for Hawk”**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

UNESCO PORTUGAL. Falcoaria: patrimônio humano vivo. Disponível em: <<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal/falcoaria>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

VENABLE, N. J. **Birds of prey**. Morgantown: West Virginia University, 1996. 52 p.

VIANNA, B. Co-ontogenia: una aproximación sistémica al lenguaje. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 6, n. 2, p. 135–158, 2011.

VIANNA, B. Sentir-se em casa: domesticação no domínio comportamental aves-humanos. **Anais da VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**, Florianópolis, v. 4, n. 4, 2019.

VIANNA, B.; ANDRADE, L. A. B.; VAZ, N. M. Ensinar é impossível, e aprender, inevitável: comentários sobre a epistemologia de Humberto Maturana. **Revista Helius**, v. 3, n. 2, fasc. 2, p. 1183–1227, 2021.

VIANNA, B. Domesticação, linguagem e falcoaria: o encontro entre aves e humanos no agreste de Sergipe. In: **Entre distopia e decolonialidades: antropologia em cenários cambiantes**. 2023. p. 75–87.

WHITE, T. **The goshawk**. New York: New York Review of Books, 2007.

ZANON, S. Harpia: o desafio de proteger a maior ave de rapina do Brasil. **Mongabay Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://brasil.mongabay.com/2022/12/harpia-o-desafio-de-proteger-a-maior-ave-de-rapina-do-brasil/>>. Acesso em: 3 nov. 2025.